

Letrário**editora*

Saga

Fernando Esteves Pinto

Junho 2008



Provavelmente foi assim que tudo aconteceu. Esta história sem princípio nem fim. Existe a senhora Rosa. Sento-me agora nesta sala quando penso nela. Tem setenta anos e vive com um neto. A filha não a vem visitar. Abandonou os filhos para ir atrás do amante. Há também uma filha. Fugiu com o namorado e ninguém sabe dela. Também não interessa. Quando a miúda vivia com a senhora Rosa ninguém dava por ela. Entrava e saía de casa da avó Rosa e nunca a cumprimentava. Um erro de infância da menina. Tem vinte anos. Atribui a culpa de ser assim aos pais que se separaram. Acusa a mãe de a abandonar quando ela tinha quatro anos. Foi criada com a avó Rosa. Não é a mesma coisa. As crianças levam tudo a sério mesmo quando estão a brincar. É perigoso isto das crianças quando sentem que os pais as abandonaram, penso escrever isto mesmo. Não sei, a senhora Rosa vive infeliz. É difícil falar com o neto que vive com ela. Não sabe como começar. Deixa-lhe a comida num tacho em cima do fogão. Queixa-se da vida quando ele não come tudo. O rapaz tem vinte e três anos e vende relógios. Faz turnos durante a noite e chega tarde a casa. Tem uma namorada que vende livros e detesta a mãe. Não se lembra da infância. Apagou tudo. Foi melhor assim. Essa existência dos primeiros anos de vida foi muito complicada. Só percebeu isso depois, com os amigos que viviam com os pais ainda juntos. As vidas comparam-se a outras vidas. É assim que percebemos se somos felizes ou infelizes em relação aos outros. A senhora Rosa diz sempre: não precisas de ser assim por causa do que aconteceu. A separação dos teus pais não justifica o teu mau comportamento. Há tantos filhos nas tuas condições. A neta da senhora Rosa não queria ouvir nada. Falar não era com ela. Quando se cruzava com a avó na rua fazia que não a via. Não sabe qual foi o seu erro. Dava-lhe um desconto. O vazio da educação. A filha da senhora Rosa raramente telefonava para saber dos filhos. O amante detestava-os. Não os queria lá em casa a viver com eles. Entre os filhos e o homem que amava, já se sabe. Pensou que os filhos estariam bem na casa da avó Rosa. Ainda hoje é um inferno. A bondade da senhora Rosa é uma arma perigosa. Cria irritação nos netos. Tem um coração bom,

mas uma racionalidade defeituosa. É impossível chegar a uma harmonia. O neto fala da namorada como uma coisa que vai perder. Fala muito no medo de perder alguém. Tenta explicar melhor. Diz: sinto na minha namorada uma mãe e detesto pensar que um dia posso perdê-la. A senhora Rosa está na sala a ver televisão e a escutar a conversa do neto. É uma obsessão, está-se mesmo a ver. Quando saiu de casa, a neta não disse para onde ia nem com quem foi. Sabia-se que namorava, portanto imagina-se que tenha ido com o namorado para algum lado. Não deu satisfações a ninguém. Utilizou o silêncio como vingança. Ninguém lhe podia apontar nada, não tinham esse direito. A mãe da rapariga ainda muito menos. Tudo o que lhe dissesse não teria o reconhecimento da razão. Estava em desvantagem e concordava que havia errado na educação e acompanhamento dos filhos. A racionalidade da senhora Rosa é um caso sério. Também não se sente amada. O marido tratava-a mal e desrespeitava-a. Só depois da morte dele é que a senhora Rosa começou a sentir-se feliz. Um problema de afectos. Toda a família sofre do mesmo. A indiferença, a perda e o reconhecimento. Acusar a avó pelos erros da filha só mesmo de crianças. Também, coitados, não têm mais ninguém em quem descarregar as suas mágoas e a sua revolta. Espera-se sempre que os adolescentes tenham uma compreensão perfeita da vida. Os adultos têm um problema para resolver com a infância de quem exige essa perfeição. Estás cansado, vai dormir, disse a senhora Rosa ao neto que estava sentado num banco na cozinha. São estas coisas que o deixam irritado.

O neto da senhora Rosa trouxe a namorada a casa. Fecharam-se no quarto e fizeram amor pela primeira vez. A mãe do rapaz não sabe que ele tem uma namorada. A senhora Rosa foi ao quarto e não acreditava no que via. Enrolou os lençóis sujos de sangue e levou-os para a cozinha. Sentiu uma impressão no pescoço. Passou os dedos pela cicatriz abaixo do queixo e lembrou-se daquela noite sangrenta. Ligou a máquina de lavar e ficou ali

a pensar. A neta da senhora Rosa também passava muito tempo fechada no quarto. Às vezes tinha dúvidas se a rapariga estava no quarto ou havia saído. Os lençóis andavam às voltas contra o óculo da máquina de lavar como um crânio a ser esmagado. A namorada do rapaz não tem mesmo respeito por ninguém. Nem os animais desarrumam assim tanto a natureza. A casa estava habituada ao sangue. É melhor esquecer, pensou a senhora Rosa, enquanto observava a água libertar dos lençóis pequenas manchas diluídas de sangue. Estava feliz por o neto ter encontrado alguém que pudesse amar. A filha estava a viver um grande amor mas isso era mais um sofrimento. Voltou ao quarto do neto e tirou da gaveta da cómoda um jogo de lençóis lavados. A senhora Rosa tem uma cicatriz de uma facada que lhe deram. Foi no quarto ao lado, mas isso não interessa. Os netos ainda não tinham nascido. A filha tinha cinco anos e não se lembra desse dia. O neto tem o quarto numa desgraça. A senhora Rosa anda à volta da cama a alisar as rugas dos lençóis. Ouve o barulho da máquina na cozinha como se o passado viesse a caminho. Abre a janela do quarto para sair aquele cheiro. A neta não lhe dá trabalho nenhum, é como se não existisse. É pior assim, apesar de a senhora Rosa gostar de fazer lembrar todo o bem que faz aos outros. Não é um defeito, mas uma insistência que se impõe como um castigo. Os netos detestam ser chamados à atenção, compreende-se. Depois vem a história da mãe que os abandonara. Não precisa de ser assim, mas as crianças reclamam agora essa dívida de afectos. O amor tem a sua ingratidão. É impensável falar com o neto sobre o assunto. Um dia o rapaz viu a mãe ser arrastada pelas escadas presa pelos cabelos. Pelo silêncio, menino. O pai andava embarcado num pesqueiro na África do Sul. A ausência também faz história na sua vida. Agora é que as coisas se revelam no seu espírito. O tempo sempre fora desonesto com a sua memória dos acontecimentos. Talvez o sofrimento o quisesse poupar no tempo da sua infância. Agora é pior, não há compreensão para este drama. A senhora Rosa apalpa a cicatriz. Sai do quarto e vai espreitar a máquina de lavar. Teve um arrepio quando passava no corredor. Perdoar não é qualidade que todos alcancem. O neto da

senhora Rosa vê a namorada despir-se na sua frente, do outro lado da cama. Estou menstruada, disse a rapariga. Os pais do rapaz ainda tentaram uma reconciliação. Pelos filhos, nunca pelo coração. Já não era a mesma coisa. Estava nu a pensar que o amor não reconhece certos valores. A namorada perdeu a mãe quando era pequena mas isso fê-la crescer com mais juízo. Vou à casa de banho lavar-me, disse a rapariga, tenho muito sangue. O pai chegou dois meses depois da África do Sul e a família ainda se aguentou uns tempos na casa que haviam comprado recentemente. Lembra-se de palavras altas a acordá-lo a meio da noite. Aquele som a destapá-lo do sono inocente. Se aquilo era amor, o barulho das portas a bater no escuro. A outra mulher pegou a mãe pelos cabelos e arrastou-a pelas escadas, sua puta. A fazer-se ao homem no café do bairro. Aqui tudo se sabe, não há maneira de esconder aquilo que se sente pelos outros. A mãe chorava e não o queria levar à escola com medo que a linchassem. Mudar de casa. Amontoar a vida num único erro. Sinto-me desconfortável, disse a namorada quando voltou a entrar no quarto.

A senhora Rosa pensa na imperfeição das pessoas. Ela que é tão perfeita a errar. Entra no quarto do neto para fazer a cama. Dá por falta das fronhas das almofadas. Vê por baixo do lençol enrodilhado. Quando o marido da senhora Rosa chegava a casa do emprego queria a mesa posta e a cozinha a cheirar a comida. Quando nem uma coisa nem outra, havia discussão. A senhora Rosa não se defendia. Ia perguntar ao neto o que era feito das fronhas. Continuava na cozinha a vigiar o lume do fogão. A neta e o marido da senhora Rosa eram pessoas organizadas. Não sentiam amor por ninguém. Quando o marido da senhora Rosa estava vivo, era uma pessoa perfeita na maldade. A vida assim o exigia. Liberta-se a culpa para magoar os outros. O tempo nunca foi uma grande ajuda. Mesmo que olhasse para o relógio, a senhora Rosa não sabia ver as horas. A intuição segredava-lhe ao ouvido. Ninguém é perfeito se o tempo não faz parte de nós. A filha da senhora Rosa sofre de crises

constantes. Nessas fases volta para casa e deita-se no sofá da sala. Não quer nada com o tempo nem se reconhece a si mesma nos dias que passam. Esquece-se de que tem filhos e nunca lhes fala. A senhora Rosa sente o cansaço do tempo que aquilo dura, mas tem de tratar da filha. Começa com palavras de censura, a pior forma de a ajudar. A neta da senhora Rosa não admite que ela mexa nas suas roupas. A rapariga lava, estende e dobra. Não olha para a mãe, não a reconhece. Na outra casa a mãe não fazia nada. Tem um teatro de violência ainda a ser representado. Se tu és uma mãe eu não sou uma filha, disse. O marido da senhora Rosa impunha-se contra o facto de ninguém naquela casa querer representar o seu papel na vida. Era perfeito no juízo que fazia dos outros e errava tanto quando se tratava de praticar os seus próprios actos. A senhora Rosa entrava em pânico quando ouvia a chave na fechadura da porta da rua. Olhava para o relógio e culpava o tempo. Aquela casa sempre teve muitas pessoas a entrar e a sair, famílias inteiras. Os filhos do primeiro casamento do marido da senhora Rosa. Os enteados. A família Quim e a família Carlos Alberto. O enteado solteirão, Victor. A enteada Fátima que a senhora Rosa foi buscar ao colégio interno. Hoje sabe ler e escrever mas não reconhece esse valor. O que lhe ficou desse tempo de aprendizagem foi o sentimento de que a separaram à força do convívio dos seus irmãos analfabetos. Vá-se lá compreender a ignorância. Para o bem e para o mal, a senhora Rosa tem razão. Não falam do assunto mas fica o pensamento dessa mágoa. Nem sempre é possível um pobre poder ir estudar num colégio reservado a pessoas privilegiadas. A educação tem os seus sacrifícios. O tempo aborrece-se de brincar com as crianças, disse-lhe um dia a senhora Rosa numa das visitas mensais. Apanhava o comboio para Lisboa com bilhete comprado pela sua benfeitora e madrinha Maria do Carmo. Quando completar a instrução primária, voltará para casa e ao convívio com a miséria. A miséria que o tempo tem preservado nesta família ao nível das relações. Tudo mal arrumado nesta vida. As pessoas e as palavras que se dizem. As palavras que já trazem actos armadilhados. Quando ouviu chegar o neto, a senhora

Rosa correu para a cozinha. A tua mãe está com uma daquelas crises, temos de ter paciência. O neto da senhora Rosa não respondeu. Um dia voltará como as recordações que castigam a nossa vida. O rapaz encolheu os ombros ao pensamento que tinha sobre o assunto que envolvia a mãe. É preciso ter força para não dizer nada. O silêncio tem muito juízo. A senhora Rosa perguntou pelas fronhas. O rapaz passou pela avó e foi para o quarto. Lembrou-se de a namorada lhe perguntar o que é que punha debaixo das nádegas para não sujar com sangue os lençóis.

A senhora Rosa lembra-se de a mãe a meter num comboio em Monção com destino ao Porto. Depois um comboio mais rápido numa viagem até Lisboa. Tinha dez anos. A mãe da senhora Rosa sofria de uma doença nos pulmões. Ia servir na casa de gente rica. Hoje é um daqueles dias em que a senhora Rosa só lhe apetece falar sozinha. A viagem é longa e desconfortável. Falar para si mesma como se escutasse as palavras altas no seu pensamento. A beleza do pensamento quando não está ninguém por perto a ouvi-la. A mãe da senhora Rosa vendeu tudo o que tinha e ia tentar a cura e a sorte em Cascais. Tudo pela doença e pelos filhos. Dez filhos entregues a dez famílias com posses. Um rapaz bêbado anda aos tropeções no corredor do comboio contra os bancos, incomodando as pessoas que estão sentadas a dormir. O pensamento da senhora Rosa é inteligente quando não tem de abrir a boca para tentar explicar o que sente. Tem buracos no cérebro onde as palavras se escondem. Em casa da patroa a senhora Rosa tem dez anos. Ajuda a governanta na cozinha e nos quartos. Lava o chão de joelhos e leva pontapés nas pernas quando se cruza com o filho da patroa. O menino é da idade dela e um dia será um político famoso ou um canalha. A senhora Rosa escondia as lágrimas como agora esconde as palavras que não sabe pronunciar correctamente. Se fosse a correr para a senhora patroa a queixar-se, era posta na rua. Esfregar o chão daquela casa tão grande como a sua aldeia era mais penoso que

subir os montes de pedra com as cabras. A mãe da senhora Rosa ficou internada num hospital, mas antes deu um destino aos filhos. Os pobres têm esta preocupação de morrerem descansados. Não querem levar tristeza na alma. A senhora Rosa era mal alimentada e desfalecia durante a prática dos serviços domésticos. A governanta encontrava-a estendida no chão sem forças e a soluçar. O corpo magro numa poça de água e sabão junto ao balde de zinco tombado. O filho da patroa puxava-lhe os cabelos e se calhar hoje é um velho crápula reformado. A senhora Rosa perguntava-lhe muito a medo por que razão o menino me bate. É a brincadeira dos opulentos que encontram na maldade o prazer da felicidade. A senhora Rosa pensou fugir daquela casa mas a fuga era um caminho sem saída. O mesmo se pode dizer das suas palavras como um pensamento que só ela ouve. Há uma lista de comportamentos que lhe passou pela cabeça quando era miúda. Esteve para ingerir veneno para o sacana do miúdo nunca mais lhe fazer mal. Hoje deve ser doutor e boa pessoa. Pensava na mãe doente e nos irmãos espalhados pela cidade de Lisboa e arredores. A bondade é uma máscara que esconde os interesses de quem providencia o bem. A escrava Rosa teve uma educação absolutamente dedicada ao trabalho. Se isto é preocupação social e humana, então um dia viveremos numa sociedade integrada por desempregados a governar o trabalho de uma minoria. Os inferiores e os que levam pontapés a trabalharem. O comboio circulava lento como nesse tempo de joelhos com um pano à frente a esfregar agoniada da fraqueza da infância. A governanta comia escondida na copa os restos da satisfação dos patrões. O prazer de uns é uma questão de sobras de outros. O pensamento da senhora Rosa é mais belo e inteligente que as suas palavras. Nunca fora estimulada a exteriorizar as suas emoções. As ferramentas da obrigação nunca lhe permitiram comunicar em voz alta o que o seu pensamento segregava dentro de si. A mãe da senhora Rosa piorou dos pulmões e fez uma última viagem com destino à aldeia, Parada do Monte. Foi a governanta que lhe deu a notícia. O comboio voltava para trás no tempo. A governanta disse ainda há uma senhora benemérita que te quer levar para um

colégio de freiras. Aí serás alguém como Deus gosta. A senhora Rosa lembra-se de pensar que Deus enganava-se muitas vezes.

Com cuidado para não sujar a cama. As nádegas levantadas e a fronha colocada por baixo. A senhora Rosa estende o naperon sobre a mesa. Alisa com as mãos suaves, desliza-o a procurar o centro onde vai poisar a jarra de flores. Não devíamos fazer isto, diz a rapariga. Talvez não deite sangue, diz o neto da senhora Rosa. A senhora Rosa limpa com a manga do casaco algumas gotas de água que se acumularam na base da jarra de vidro. É uma coisa suja e desconfortável. O marido da senhora Rosa estava sempre pronto para fazer sexo, mesmo com ela cheia de dores. O médico chamara-o para conversar com ele. A sua esposa tem um problema no útero. Tem hemorragias. O neto da senhora Rosa não se importava com o pormenor do sangue. O desejo não reconhece a doença. O marido da senhora Rosa ia para o quarto cedo e queria que a mulher o seguisse. Ficava à espera deitado na cama. Impaciente e de mau-humor. A senhora Rosa aguentava-se na sala na esperança de que o marido adormecesse. A televisão ligada e ela a fazer tempo. A rapariga sentia a piça do namorado a chapinhar dentro dela. A senhora Rosa pega no ramo de flores naturais e mergulha os caules várias vezes na água da jarra. Agora estão bem acomodadas e formam um conjunto floral harmonioso. Não servia de nada argumentar que o médico recomendara abstinência sexual. O desejo de posse do marido não reconhecia prevenções médicas. A senhora Rosa aproximava-se cuidadosamente da cama e deitava-se sem se fazer notar. Como se desse uma volta sonolenta debaixo dos lençóis. Às vezes tinha sorte e o marido não acordava. No outro dia a vingança do animal punha em perigo a sua saúde. A rapariga recusava-se a descolar o cu da fronha. O sangue não lhe permitia sugestivas posições. O desconforto e a vergonha mantinham-na na mesma posição. O neto da senhora Rosa tira a piça para fora, quer experimentar de outra forma, talvez de pé e uma perna da

rapariga sobre a beira da cama. A fronha vem agarrada entre as nádegas. Diz que não e suplica que ele a deixe estar deitada de pernas levantadas. O sangue mancha o prazer da rapariga. Nem a doença da senhora Rosa intimida a obsessão pelo sexo por parte do marido. Numa recaída de maior preocupação, a senhora Rosa foi hospitalizada para exames médicos. A sentença do senhor doutor fora bem clara e evocava como alternativa a masturbação para aliviar a vontade. A compreensão tem como tormento o prazer que lhe é negado. Em contacto com o seu membro pintado de sangue menstrual, o neto da senhora Rosa suspende as suas manobras sexuais e sente-se enjoado. O sexo da rapariga parece um recipiente a transbordar de tinta. O rapaz faz deslizar a mão na peça engordurada e viscosa. Que isto não volte a acontecer, pediu a rapariga, e espera obediência do namorado de joelhos a observar o que fez transbordar como um amante impaciente e desastrado. De tantas vezes ser importunada pelo comportamento desobediente do marido, a doença da senhora Rosa progrediu de modo a ser sujeita a uma intervenção cirúrgica. As flores tombaram para um lado da jarra, emergidos que foram os leves caules pela abundância da água. Pega no ramo e mergulha intensamente no fundo da jarra, como se obrigasse as flores a uma imobilidade pouco saudável, danificando com violência a beleza que aquela imagem florida lhe dedicava. E o gesto repete-se como se o propósito fosse afogar o passado, porque nada permanece na sua consciência como a senhora Rosa determina e espera que aconteça. A harmonia e o equilíbrio dos seus pensamentos nunca produziram felicidade. A prova estava naquela jarra de flores cuja imagem pronunciava a dificuldade de se sentir profundamente feliz, quando as recordações vinham ao de cima numa fúria a causar-lhe uma ruínosa perturbação por tudo o que não lhe obedecia consoante os desígnios da natureza.

O telefone não tocava há duas semanas. Quando isso acontece é porque está tudo bem, pensa a senhora Rosa. É estranho como a felicidade se esconde na ignorância. Uma manhã diferente nos actos. A filha da senhora

Rosa trabalha no hospital. Está farta do marido e decide abandoná-lo. Sai de casa para ir trabalhar. Há um doente na sua área de serviço que merece tratamento especial. O filho do doente espera-a no corredor. Conversam, chegam a um acordo e a filha da senhora Rosa decide não voltar mais para casa. Num tempo episódico a filha da senhora Rosa percebeu que estava ali um novo cenário para a sua vida: um velho a morrer, um jovem divorciado e a hipótese de voltar a ser feliz. Como uma criança que faz um desenho e se sente especial. A felicidade idealizada nunca corresponde à realidade. Foram no carro para o Guincho e contaram a vida um ao outro. Tanta história para acabarem no banco de trás. Parece que a felicidade depende de entregar a vida a um estranho. Se fosse assim tão simples. Se o amor se construísse apenas com as histórias que contamos sobre a nossa vida. É tudo muito mais do que isso. Se o telefone não toca é porque a vida corre sem novidades, pensava a senhora Rosa. É incrível a quantidade de pessoas, homens e mulheres, que saem todas as manhãs de casa com o sentimento de nunca mais regressarem. Há sempre alguém no outro lado com uma promessa, uma aposta, uma oferta irrecusável. Ou um amor à espera. Tantas palavras que se dizem para dar a volta à vida. Tantas frases confusas que se constroem para dar um sentido ao que se sente perdido. É sempre uma tentação deixar-se envolver pelo estranho. A vida dos outros é sempre mais interessante. A filha da senhora Rosa estava a ficar farta dos mesmos episódios, casa, trabalho, cama, cozinha. Não percebe que noutra história só muda a ordem dos acontecimentos. O interesse pelos outros permanece enquanto a história não chega ao fim. A continuidade é uma questão de interpretação. Feliz é a senhora Rosa, que não tem de atender o telefone para ficar a saber que a vida da filha se conta por outras palavras. Um homem hospitalizado e um filho dedicado que o visita todos os dias e se envolve com uma assistente da enfermaria. A insatisfação é uma doença. Enquanto o velho se aguentar vivo, a relação dos dois manter-se-á viva também. É este o argumento miserável que os mantém unidos. A filha da senhora Rosa percebe finalmente que a sua felicidade

depende de um acto de recuperação. Assim como a felicidade da senhora Rosa está ameaçada por um toque de telefone. Uma chamada para a infelicidade. Uma morte para acabar com a esperança. O pior de tudo na vida é o facto de dependermos dos outros. Os sentimentos associados a alguém geram conflitos de interesse e desigualdade de comportamentos. A vida acontece mais pelos outros do que por nós próprios. A prova está no telefone que não toca.

Fim



Fernando Esteves Pinto

Nasceu em Cascais em 1961.

Colaborou no DN Jovem e no Jornal de Letras.

Em 1990 recebeu o Prémio Inasset Revelação de Poesia Do Centro Nacional de Cultura.

É publicado em Espanha e México por revistas literárias e editores independentes.

Em 1998 obteve uma bolsa de criação literária pelo Ministério da Cultura/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Está representado em várias antologias.

Co-fundador do “Sulscrito” – Círculo Literário do Algarve

Co-coordenador do Encontro de Escritores Hispano-Lusos Palavra Ibérica

Coordenador da colecção de poesia “Palavra Ibérica”

Co-director da revista de literatura Sulscrito

Co-editor da 4águas editora de poesia

Livros publicados

- *Na Escrita e no Rosto* (poesia), Editora Europress
- *Siete Planos Coreográficos* (poesia, edição bilingue), Editora 1900, Huelva
- *Ensaio Entre Portas* (poesia), Editora Almagem
- *Conversas Terminais* (romance), Editora Campo das Letras
- *Sexo Entre Mentiras* (romance), Editora Leiturascom.Net

Letrário* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9001.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt